

Sobre Ética e Técnica: discussão de limites da implicação do analista em exemplos de Winnicott e de Masud Khan

Amanda Watson Martins

Nelson Ernesto Coelho Júnior

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

amandawatsonm@gmail.com

Objetivos

A partir da leitura de textos teóricos e clínicos de Donald Winnicott e Masud Khan, buscamos investigar limites para a implicação do analista, a partir dos conceitos de implicação e reserva de Figueiredo (2008). Tomando estes autores como exemplos significativos da produção psicanalítica sobre a contratransferência e sobre um maior envolvimento do analista na situação clínica, divergindo da postura de neutralidade e abstinência proposta por Freud, buscamos reflexões e questionamentos acerca do que poderia configurar um excesso de envolvimento do analista. Buscamos com isso, também, compreender se existiria algum “limite rígido” para a prática psicanalítica, que não poderia ser flexibilizado mesmo diante das necessidades e particularidades de cada par analítico, ou se os limites éticos da análise precisam ser definidos a cada caso.

Métodos e Procedimentos

Tratando-se de uma pesquisa teórica, foram realizadas leituras de textos selecionados de Winnicott e Masud Khan, que versam sobre o manejo com pacientes regredidos, sobre a transferência e a contratransferência e sobre a definição do setting. Buscamos com este recorte favorecer o encontro de reflexões sobre a implicação do analista, lendo nos trabalhos dos autores o que eles dizem sobre a variação técnica que propunham. Também foram selecionados exemplos clínicos de cada um dos autores, para ancorar a discussão teórica na clínica, analisando as intervenções dos autores a partir das noções de implicação e reserva.

Resultados

Em Winnicott, no tratamento de pacientes regredidos, encontramos um modo de implicação muito exigente para o analista, na medida em que este deve manter-se disponível e atento ao paciente, buscando adaptar-se às suas necessidades de maneira confiável e regular. Essa implicação é sustentada por uma postura reservada também bastante exigente, que permite ao analista manter sua postura profissional e sua confiabilidade. Neste sentido, um dos principais modos de falha do analista implicado é o “vazamento da própria inconfiabilidade” (Winnicott, 1964), ou seja, um excesso de implicação como falta de reserva.

Na leitura de *Ansiedades psicóticas e prevenção*, em que M. Little relata sua análise com Winnicott, vemos a importância do reconhecimento do analista das limitações de sua reserva, quando Little descreve sua interação em um hospital psiquiátrico por Winnicott. Entendemos que o analista temeu não conseguir cuidar sozinho das necessidades e dos impulsos agressivos da paciente, e buscou assim novos recursos (reservas) para oferecer cuidado para a paciente.

Com Masud Khan, encontramos uma postura clínica muito diferente da de Winnicott. Para o segundo, a implicação vem acompanhada de uma postura profissional, “que é muitíssimo diferente de nossa própria e inconfiável personalidade” (Winnicott, 1964, p. 80), enquanto Khan valoriza muito a autenticidade do analista, reforçando as diferenças culturais entre ele e seus pacientes, assim como a expressão de seus sentimentos e opiniões, tanto de apreço quanto de desgosto.

De modo geral, Khan relata uma clínica com exigências intensas tanto para a reserva quanto para a implicação do analista, em que este precisa sustentar um modo de ser exigido pela relação com o analisando, ao mesmo tempo que sustenta os limites da situação clínica e retém sua capacidade de análise clínica e teórica do caso. Nesses casos, o excesso de implicação também aparece como falha da reserva, quando Khan observa piores terapêuticas “por estar cansado e não ser capaz de fornecer o tipo certo de harmonia corporal com minha atenção ou alguma interpretação mal planejada que era meramente inteligente e apenas teoricamente correta” (Khan, 1960, p.141, tradução nossa). Analisando o caso clínico “*Pensamentos*”, no livro *Quando a primavera chegar*, vemos Khan tensionar as distinções entre implicação e reserva ao utilizar uma reserva com função de implicação, ou uma “implicação com cara de reserva”. Benjamin, o paciente deste caso, sofre com um ambiente excessivamente intrusivo, que limita seu desenvolvimento e sua autonomia, de modo que Khan precisa oferecer clinicamente a experiência de espaço pessoal e respeito à privacidade, agindo de forma reservada, mas com função de implicação, ou seja, com função de adaptar-se às necessidades do paciente. Essa tendência implicada por trás da postura reservada permite que Khan por vezes quebre seu distanciamento, intervindo diretamente na vida de seu paciente (insistindo que ele se mude para um quarto maior na casa, por exemplo). Apesar desta escolha parecer atender ao equilíbrio entre implicação e reserva, paradoxalmente o paciente ganha autonomia sob influência do terapeuta, e a decisão de Khan se mostra pouco ortodoxa, e difícil de avaliar em seu valor ético e técnico.

Conclusões

A pesquisa permitiu compreender uma das formas possíveis do excesso de implicação como falta de reserva, que tem a função de equilibrar a postura implicada do analista, além de permiti-lo sustentar essa implicação. Com o esgotamento das reservas, o analista deixa de oferecer o modo de ser, a adaptação às necessidades do paciente, ou pode ocorrer uma intrusão, com uma interpretação ou

intervenção que atende aos interesses do analista, e não aos do analisando e da terapia.

Em relação ao segundo objetivo da pesquisa, entendemos que não é possível propor um limite rígido para a conduta ética do analista. Comparando apenas dois autores, encontramos múltiplas diferenças no modo de trabalhar dentro do espaço de equilíbrio entre implicação e reserva, e vemos também que uma mesma postura do analista pode ter uma função de implicação ou de reserva, como na reserva com função de implicação do caso Benjamin.

Referências Bibliográficas

- Figueiredo, L. C.; Coelho Júnior, N. (org) (2008). *Ética e técnica em psicanálise*. (2. ed., rev. ampl.) São Paulo: Escuta
- Khan, M. M. R. (1988) *Quando a Primavera Chegar: despertares em psicanálise clínica*. [Tradução de Cláudia Starzysnski Bacchji]. São Paulo: Escuta, 1991
- Little, Margareth I. (1990) *Ansiedades psicóticas e prevenção: registro pessoal de uma análise com Winnicott*. tradução Maria Clara de Biase Fernandes. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992
- Winnicott, D. W. (1964). *A Importância do Setting no Encontro com a Regressão na Psicanálise*. In *Explorações Psicanalíticas*: D. W. Winnicott (pp. 77–81). Porto Alegre: Artes Médica, 1994